

**Unila – Universidade Federal de Integração Latino-  
Americana, Foz do iguaçu, 28 a 30 de setembro de 2011**

**Organizadores da publicação: Alai Garcia Diniz e Fleide  
Daniel de Albuquerque**

Organização, execução e patrocínio: **UNILA e Itaipu-Paraguay**  
Parceria: NELOOL/UFSC & Universidad de VIGO

**Nelool – Núcleo de Estudos de Literatura, Oralidade e  
Outras Linguagens - [www.nelool.ufsc.br](http://www.nelool.ufsc.br)**

**Junho de 2012**

---

## DISCIPLINA E CONTROLE

*Prof. Dr Gilmar José De Toni - UNILA*

Esta apresentação se dá a partir de Foucault, Deleuze e outros pensadores e estudiosos da atualidade, para mostrar como se desenvolve em nossa sociedade um modelo específico de sociedade destinada para a carceragem a partir do final do século XVIII, que Foucault a denominou de sociedade disciplinar. Mostraremos a crise desta sociedade apontada por Foucault e como Deleuze apresenta o outro tipo de sociedade na qual estamos entrando desde o final da segunda guerra mundial, que é a sociedade de controle e também como essas duas formas de sociedade influenciaram ou influenciam na formação da subjetividade na contemporaneidade.

Partiremos de uma entrevista feita com Foucault onde ele responde que escolheu a França para tais estudos, por ela ser um tipo de sociedade na Europa submetida a uma legislação criminal. Sendo assim, a sociedade francesa se adéqua ao exame do processo que levou a disciplina a se desenvolver nesse país, suas alterações correspondendo ao aumento progressivo da população associado ao desenvolvimento da sociedade industrial, a ponto dele afirmar que na medida em que “a disciplina, que era eficaz para manter o poder, perdeu uma parte de sua eficácia. Nos países industrializados, as disciplinas entram em crise”<sup>x</sup>.

Quando Foucault se refere a esta crise da sociedade disciplinar, no entanto, não aponta qual seria o outro tipo de sociedade na qual estaríamos entrando. Contudo, esta discussão foi retomada por Deleuze, em um de seus últimos escritos, que mostrará que estamos em processo de transição da sociedade disciplinar para a sociedade de controle, na qual estamos entrando desde o final da segunda guerra mundial, e que podemos classificar como um momento no qual estamos em um limiar ou em uma fronteira histórica em que se mesclam esses dois modelos de sociedades, ou ainda, onde uma forma de sociedade está provocando uma ruptura com a outra. Neste sentido citamos o próprio Deleuze quando ele afirma que

É certo que entramos em sociedades de ‘controle’, que já não são exatamente disciplinares. Foucault é com frequência considerado como o pensador das sociedades de disciplina, e de sua técnica principal, o confinamento (não só o hospital e a prisão, mas a escola, a fábrica, a caserna). Porém, de fato, ele é um dos primeiros a dizer que as sociedades disciplinares são aquilo que

---

estamos deixando para trás, o que já não somos. Estamos entrando nas sociedades de controle, que funcionam não mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea<sup>x</sup>.

Partindo, então, da ideia de um *continuum* carcerário, que se espalhou desde o século XVIII, chegando ao seu apogeu no início do século XX, é importante notar que o que vemos hoje é a decadência deste modelo de encarceramento que faz parte da sociedade disciplinar, ou seja, que ele está se tornando obsoleto diante da sociedade da comunicação. Cabe-nos, por conseguinte, uma análise de como essas instituições vão perdendo seus dispositivos disciplinares ou, até mesmo, deixando de existir, e como suas tarefas ou funções vão sendo lentamente redistribuídas neste novo modelo que está se formando. Para isso, examinaremos inicialmente, como é percebida esta sociedade que está criando corpo e como ela está produzindo novas formas de subjetivação na atualidade.

Se olharmos para a sociedade que se estendeu até o final do século XVIII, observa-se que o modelo era o do suplício, em que a soberania exercia sua influência, a partir da ação direta do soberano com sua força ostensiva sobre o indivíduo pelo “direito de causar a morte ou de deixar viver”<sup>x</sup>. O poder soberano agia pela coação e dominação de maneira repressiva e violenta, e, desta forma, ele influenciava na formação do indivíduo dentro do modelo da soberania, pois aí, nesta fórmula, e a partir desta figura jurídica, o soberano podia confiscar, se apropriar ou extorquir as posses, os bens, o trabalho e o sangue de seus súditos. “O poder era, antes de tudo, nesse tipo de sociedade, direito de apreensão das coisas, do tempo, dos corpos e, finalmente, da vida; culminava com o privilégio de se apoderar da vida para suprimi-la<sup>x</sup>”, e esse apoderar-se dos indivíduos exercia uma influência na caracterização da subjetividade naquele estrato ou formação histórica.

No entanto, este modelo foi sendo sucedido pela sociedade disciplinar, que, por sua vez, utiliza-se de tecnologias que

variam segundo uma função definida (vigiar, ensinar, curar); por isso, as disciplinas somente se tornam eficazes em espaços

---

fechados. Elas se exercem em meios relativamente fechados para que a função disciplinar seja cumprida: a escola, o exército, o hospital, a prisão. Nessa configuração, os processos de subjetivação são territórios de caça para as relações de poder. O poder disciplinar é obrigado a criar um dispositivo especial, mas indireto, para manejar ou induzir práticas de subjetivação que obedeçam, de certa forma, aos espaços e às funções disciplinares<sup>x</sup>.

Então, a partir do confinamento e da concentração dos indivíduos distribuídos em espaços separados e repartidos, foi possível visar o aperfeiçoamento dos seus desempenhos na forma de sua organização, divisão e controle do tempo de cada um para produzir rapidez e precisão de movimentos com a exigência da normalização disciplinar institucionalizada. Para Foucault, a forma de analisar a formação do sujeito, já é sempre pensada como

o produto de uma multiplicidade de relações horizontais de saber-poder que o caracterizam como sujeito assujeitado e disciplinado. É apenas enquanto tal, bem como apenas nas próprias instituições fechadas nas quais se produz tal sujeito, como a escola, a família, a igreja, a fábrica, o hospital, o exército, etc., que se definem as estratégias possíveis de resistência em vista de processos autônomos de subjetivação<sup>x</sup>.

Contudo, se o modelo disciplinar substituiu o modelo de soberania em um determinado momento de nossa história, com ele também teremos uma nova forma de investimentos para a produção dos processos de subjetivação. Quando o modelo disciplinar, em sua brevidade na história, entrou em crise generalizada dos meios de confinamento com todas as disciplinas que agem em sistemas fechados, Foucault já o sabia, pois quando ele analisa a sociedade como disciplinar e mostra que ela

sucedida às sociedades de soberania cujo objetivo e funções eram completamente diferentes (açambarcar, mais do que organizar a produção, decidir sobre a morte mais do que gerir a vida); a transição foi feita progressivamente, e Napoleão parece ter operado a grande conversão de uma sociedade à outra. Mas as

---

disciplinas, por sua vez, também conheceriam uma crise, em favor de novas forças que se instalavam lentamente e que se precipitariam depois da Segunda Guerra Mundial: sociedades disciplinares é o que já não éramos mais, o que deixávamos de ser<sup>x</sup>.

Portanto, temos aí o modelo da disciplina entre dois momentos de guerras que envolveram principalmente a Europa, ou seja, o marco de sua separação da sociedade de soberania foram as guerras Napoleônicas, e o começo de sua decadência ou passagem para a sociedade de controle iniciou a contar da Segunda Guerra Mundial. Todavia, temos aí a formação de processos de subjetivação diferentes em cada um desses fronteiras históricas, por que temos relações de forças diferentes que se instalam em cada um deles. Por conseguinte, esta nova sociedade que está se instalando, tem suas próprias características e, se as disciplinas estão dando passagem para as novas formas de operações “ultra rápidas de controle ao ar livre”<sup>x</sup>, é por que este tipo de controle a céu aberto é uma de suas características.

A partir daí, podemos pensar as formas deste controle sem paredes nem fronteiras que age diretamente sobre os indivíduos, produzindo neles novos tipos de subjetividades, pela utilização de novos mecanismos, pois como afirma Veiga-Neto:

Está-se diante de uma nova espacialização em que os espaços – materiais ou simbólicos, tanto faz – não são mais lisos, bem fronteirizados e estáveis; eles são cada vez mais sulcados, isso é, atravessados por linhas de força, móveis, instáveis, flexíveis e, por isso mesmo, altamente adaptativas. Essas linhas de força rompem as tradicionais e rígidas fronteiras modernas, sejam elas fronteiras culturais, religiosas, étnicas etc., (...) aquelas linhas de força estão promovendo o deslocamento da ênfase nos dispositivos disciplinares para a ênfase nos dispositivos de controle, de modo a alterar substancialmente até mesmo os processos de subjetivação<sup>x</sup>.

Pode-se falar desta alteração na subjetividade a partir do rompimento das fronteiras porque, na afirmação de Deleuze, não são somente as velhas máquinas simples ou dinâmicas da soberania como “alavancas, roldanas e relógios”, ou essas

---

“máquinas energéticas” da disciplina que estamos deixando para trás para em seu lugar introduzir as máquinas de controle, cibernéticas, “a informática e computadores<sup>x</sup>”, mas, também, o modelo de homem: pois aquele dotado apenas de suas capacidades energéticas, não se insere mais nos propósitos do sistema que pretende vigorar. Estamos já há algumas décadas diante de uma série de elementos tecnológicos que estão fazendo com que o homem desenvolva sua formação seja de conduta, de comportamento ou de sua educação, não mais simplesmente a partir de instituições de fechamento como a família, a creche, a escola, a fábrica, a igreja, etc. “A sociedade disciplinar entra em crise, pois seus espaços disciplinares, suas instituições, tornam-se ineficientes: a família já não forma moralmente, aprendemos, na escola, o que não se deve, a prisão já não recupera, etc.”<sup>x</sup>.

Por conseguinte, isso implica dizer que aquelas máquinas ou aparelhos técnicos ou arquitetônicos que antes influenciavam totalmente para a formação das subjetividades, hoje já não influenciam mais, ou pelo menos não inteiramente, e as máquinas de controle, “cibernéticas”, “a informática e seus computadores” é que estão abrindo passagem para este novo espaço sem fronteiras que está caracterizando uma nova subjetividade no homem Contemporâneo. Quando Deleuze afirma, segundo Hélio Rebello, “que o controle atua em espaço aberto, ao contrário da disciplina, ele quer dizer não apenas que o controle abandona o confinamento, mas, também, que ele age diretamente sobre os processos de subjetivação. O controle invade o amplo espaço entre eu e mim mesmo”<sup>x</sup>.

O que se percebe hoje, portanto, é que todos os aparatos técnicos, científicos e midiáticos têm influenciado diretamente para esta nova caracterização do homem na atualidade. Ainda, conforme demonstra Hélio Rebello:

Os fluxos tecnológicos, convém destacar, tornam-se cada vez mais importantes para o controle porque eles são meios de extensão, isto é, de virtualização do corpo humano. Eles não se contentam em fornecer ao corpo grandes braços virtuais (uma ferramenta, uma máquina) ou um cérebro ampliado (computadores), pois os fluxos que eles produzem, os fluxos que eles são, penetram nosso corpo, modificando-o, já que extrapolam nossas relações psicomotoras naturais. Em outras

---

palavras, os meios técnicos produzem fluxos que percorrem o espaço de subjetivação de maneira cada vez mais intensa. O problema das sociedades de controle, no entanto, não é exatamente que os processos de subjetivação se apoiem sobre fluxos tecnológicos, o problema é como esses e outros fluxos são enfeixados pelo controle<sup>x</sup>.

Então, quando Deleuze aponta que aquela forma de identificação do indivíduo por seus respectivos nome, matrícula e assinatura está sendo descartada, isso significa dizer que implica diretamente no tipo de formação que estamos tendo a partir daí, pois o que está entrando em vigor há muito tempo, é a forma utilizada pelo controle para gerir os homens, segundo ele, a partir de novos mecanismos. Pensando como Deleuze, quando ele mostra que a “cifra”, com o código estabelecido por uma “senha individual”, produz um novo tipo de identificação do indivíduo, podemos dizer também que há aí uma nova contribuição para uma formação outra do indivíduo assim como havia em outros momentos históricos. Pois, se olharmos para o modelo de sociedade da soberania, veremos que se identificava o indivíduo pela linhagem familiar e o seu status, na sociedade disciplinar se identifica o indivíduo pelo seu nome, matrícula e histórico, como, por exemplo, histórico escolar dentro do sistema educacional. O mesmo ocorre no hospital de cura e no hospital psiquiátrico, mas aí o que vale é o histórico das enfermidades, sejam elas mentais ou físicas; na prisão se reconhece o indivíduo pelo nome e o histórico de sua periculosidade. Ou seja, na disciplina tudo está ligado aos desempenhos, anomalias, produtividades, aprendizagens, etc.

Já em bancos, o que se exigia até pouco tempo atrás era a assinatura e o “bom nome” para se conseguir créditos, empréstimos, contas ou limites, totalmente ao contrário do sistema de informação de hoje. Na sociedade de controle, o novo homem não passa de um banco de dados com semelhanças e diferenças do arquivo da disciplina e aí, como afirma Deleuze, é a senha que determina o acesso às máquinas que fornecem informações contidas nesses bancos de dados e que efetuam a gestão da informação e principalmente do dinheiro. Portanto, é desta forma que o novo homem ou este homem com uma subjetividade em formação tem acesso aos jogos desta nova sociedade.

A partir das referências de Deleuze, Hardt e Negri, ao tratar sobre este assunto no livro “Império”, vão identificar três conjuntos pelo qual o controle imperial opera, isto é, “por três meios globais absolutos: o dinheiro, a bomba e o éter<sup>x</sup>”, cada um deles correspondendo respectivamente a um conjunto, ou seja, ao “conjunto de natureza

---

econômica, de natureza militar e o terceiro de natureza comunicacional<sup>xvii</sup>. Segundo Veiga-Neto, é por aí que é possível identificar as características principais da dominação na sociedade atual de controle. Considerando esse três aspectos, vamos abordar aqui dois deles: o de natureza econômica e o de natureza da comunicação ou da informação, da qual Deleuze e outros estudiosos têm se ocupado para desenvolver formas de compreensão do funcionamento dessas influências em nossa sociedade. Então, inicialmente, vamos ver como o dinheiro vem se colocando como um dos aspectos elementares para este novo sistema de dominação e que determinam novas formas de relações de forças ou de poder na sociedade de controle. Ao se referir ao dinheiro, Deleuze vai falar que talvez seja ele que

melhor exprima a distinção entre as duas sociedades, visto que a disciplina sempre se referiu a moedas cunhadas em ouro – que servia de medida padrão –, ao passo que o controle remete a trocas flutuantes, modulações que fazem intervir como cifra uma porcentagem de diferentes amostras de moeda. A velha toupeira monetária é o animal dos meios de confinamento, mas a serpente o é das sociedades de controle. Passamos de um animal a outro, da toupeira à serpente, no regime em que vivemos, mas também na nossa maneira de viver e nas nossas relações com outrem. O homem da disciplina era um produtor descontínuo de energia, mas o homem do controle é antes ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo<sup>x</sup>.

Se o dinheiro é o elemento principal que caracteriza a grande distinção entre a sociedade disciplinar e a sociedade de controle, isso se dá justamente por que não é mais o ouro ou simplesmente a moeda que constitui o lastro econômico, mas as trocas flutuantes das bolsas de valores. Como explica Luiz Orlandi,

os pensadores do século XVIII consideravam a moeda como instrumento destinado a facilitar as trocas das mercadorias produzidas, o comércio entre pessoas e povos. Hoje, numa era pós-nacionalista, além do comércio, até mesmo o movimento internacional de investimentos em capital constante, ditos realmente produtivos, é, em geral, bem visto ou pelo menos tolerado. Em contrapartida, a libertinagem dos fluxos improdutivos do capital financeiro vem recebendo hoje o



---

repúdio de economistas das mais variadas tendências, excetuando aqueles que, por equívoco ou perfídia, aceitam azeitar esse dinamismo da volatilidade monetária<sup>x</sup>.

Esta característica fundamental da sociedade de controle, que Deleuze chamou de “serpente”, se dá por conta desta libertinagem econômica inserida na fala de Luiz Orlandi, pois estamos vivendo, na atualidade, uma era em que momentaneamente pode-se modificar os rumos da aplicação do dinheiro, de um país à outro, em qualquer extremo do globo. E a forma que os fluxos econômicos circulam, hoje, influencia muito mais nos aspectos políticos de uma nação do que em qualquer outro momento na história das sociedades. Aí entra também o discurso político de Chefes de Estados, pois se considerarmos um simples discurso político hoje, veremos que, na atualidade, ele pesa muito mais do que em qualquer outra época da história no momento em que os investidores das bolsas de valores vão fazer suas aplicações, principalmente naqueles países que são chamados de países emergentes como é o caso de vários países da América Latina. Isso se percebe a partir de um discurso mal elaborado ou uma palavra mal dita ou mal colocada em meio a um discurso de um chefe de Estado, que pode causar efeitos catastróficos na economia de tal país; pois, qualquer palavra como, por exemplo: a palavra “estatização”, dita por um governo da América Latina, pode muito bem fazer todos os fluxos econômicos investidos neste país migrar instantaneamente para outro que é considerado “seguro” pelos investidores.

Com todo este relativo repúdio em relação a esta libertinagem econômica da qual fala Luiz Orlandi, e, considerando este aspecto da economia da atualidade, Deleuze sustenta que estamos

além e aquém do Estado. (...) o desenvolvimento do mercado mundial, a potência das sociedades multinacionais, o esboço de uma organização ‘planetária’, a extensão do capitalismo para todo o corpo social, formam uma grande máquina abstrata que sobrecodifica os fluxos monetários, industriais, tecnológicos<sup>x</sup>.

Em meio a isso, não se pauta mais por aquele capitalismo preocupado em erguer fábricas destinadas ao confinamento para a produção, por estas serem inviáveis,

---

já que é muito mais lucrativo e cômodo a venda e a prestação de serviços, pois quem vende, não precisa necessariamente produzir algum tipo de produto para vender, pode-se, apenas fazer negócios nas bolsas de valores. Esse é um dos papéis exercidos principalmente, ou exclusivamente, pelos países ricos, bem como a prestação de serviços técnicos especializados. Dessa maneira, os “meios de exploração, de controle e de vigilância tornam-se cada vez mais sutis e difusos, moleculares, de certa forma”<sup>x</sup>.

Tal situação reflete-se nos países subdesenvolvidos através de uma série de fatores, alguns deles relacionados com as indústrias pesadas, de grande porte e poluentes que estão situadas nos países pobres produzindo produtos de altos riscos para a saúde dos operários que recebem salários inferiores aos dos países ricos, mantendo baixos ou inexistentes os encargos de previdência social e de seguros, assim como os investimentos no bem-estar social como: assistência médica/dentária, educação, lazeres livres ou as discussões políticas e culturais. Isso faz com que os “(operários dos países ricos participem necessariamente da pilhagem do terceiro – mundo)”<sup>x</sup>, visto que os custos dos trabalhadores nos países subdesenvolvidos são bem menores se comparados aos dos países ricos.

Como o capitalismo quer vender, produz uma alma para a empresa que é a sua “marca”, colocando o *marketing* como responsável para construir e destacar sua imagem. “O serviço de vendas tornou-se o centro ou a ‘alma’ da empresa. Nos informam que as empresas têm uma alma, o que é efetivamente a notícia mais terrificante do mundo. O *marketing* é agora o instrumento de controle social, e forma a raça impudente de nossos senhores<sup>x</sup>”. A partir daí podemos pensar o segundo aspecto das formas de controle atual que é o de natureza da comunicação ou da informação, pois conforme esta fala de Deleuze, é possível perceber como os meios midiáticos associados com a ideia de lucro das empresas contribuem para a formação da subjetividade na atualidade. Se na sociedade da disciplina são as instituições fechadas que formam a subjetividade; nas sociedades de controle, ela aparece ou se forma também através do trabalho do *marketing*, por que é ele quem vai determinar por onde passa o processo da formação tanto da nossa subjetividade quanto a formação do nosso corpo.

O *marketing* determina nossas escolhas cotidianas assim como aquilo que queremos para a nossa vida. Investindo em uma estratégia de consumo, ele nos diz no

---

dia a dia o que devemos consumir, para onde devemos ir se queremos passar férias/turismo, o que devemos fazer para estarmos ligados ao modismo como: roupas, calçados, carros, aparelhos eletrônicos e todo o tipo de eletrodomésticos; as formas de segurança que devemos ter, o tipo de profissão e de educação que queremos ou devemos ter, etc. Com isso, nós somos bombardeados o dia inteiro pelos meios midiáticos que determinam aquilo que é bom para levantar nossa auto estima, com objetos que nos prometem alegria, felicidade, beleza, bem estar. Tudo isso está associado aos desejos psicológicos, sociais, profissionais, corporais ou como devo usar melhor ou pior o meu corpo e meu sexo, etc.

Esse bombardeio ocorre desde quando acordamos e ligamos a televisão ou entramos na internet e observamos os anúncios de lugares paradisíacos e de produtos que nos prometem a satisfação de todos os nossos desejos. Se abrimos a caixa do correio encontraremos nele panfletos com a mostra dos mesmos produtos que estão à venda. Ao sairmos na rua nos deparamos com enormes outdoors e com faixas em ônibus e carros que anunciam esses produtos. Chegando ao trabalho, na escola ou na universidade encontramos o mesmo anúncio em cartazes. Ao voltarmos para casa encontramos anúncios dos mesmos produtos e dos mesmos lugares paradisíacos para onde devemos viajar, mas, no entanto, eles já estão com uma nova roupagem, com outra aparência, por que o *marketing* se renova a todo instante, ele é contínuo, pois como falava Deleuze, “nas sociedades de controle nunca se termina nada<sup>x</sup>” sempre se está provocando algo de novo em um antigo cliente ou em um possível cliente novo.

Contudo, até o final do dia, o indivíduo já está convencido de que ele deve ter aquele produto ou adquirir aquele bilhete para viagem, pois neles estão inseridas todas aquelas ideias da felicidade, da alegria, da beleza e do bem estar. E, quando isso é associado à ideia da satisfação dos nossos desejos psicológicos, sociais, profissionais, corporais, sexuais, etc., os meios midiáticos estão fazendo de mim, de meu corpo, do meu sexo e do meu fazer, algo que não foi necessariamente o meu eu quem decidiu como e o que devo fazer de mim mesmo, e, por isso, esse trabalho do marketing influencia cotidianamente e diretamente na formação das novas subjetividades, a partir daquilo que está sendo lançado no mercado. Como observa Suely Rolnik, ao analisar o impacto da publicidade e do consumo na influência da formação da subjetividade, “os viciados nessa droga vivem dispostos a mitificar e consumir toda imagem que se

---

apresente de forma minimamente sedutora, na esperança de assegurar seu reconhecimento em alguma órbita de mercado<sup>x</sup>”.

Isso tudo nos coloca ligados no mundo global atual com todos os meus “eus”. Aquele que me faz trabalhar mais do que meu corpo e minha cabeça suportam, que, por sua vez, nos liga às “mil” formas de esquizofrenias do mundo atual, em que todos vivemos com tipos iguais e diferentes de “paranoias” provocadas pelo stress individual e coletivo, sem falar nas doenças somáticas infindáveis que desenvolvemos na atualidade, porque meu organismo não consegue a satisfação física da beleza que é mostrada nos meios midiáticos, porque não se consegue chegar ao modelo padrão da beleza anunciada e que acaba frustrando os indivíduos e até mesmo a população. E todas as formas de erotização com belos corpos que nos são vendidas na TV, somente se percebem ou se descobrem, depois de muito tempo, como algo não possível para as pessoas “comuns”, e que os desejos sexuais anunciados não são possíveis realizar com esses belos corpos que são apresentados em cadeia planetária, pois, na realidade, tudo não passa de uma grande difusão de “amores platônicos” que desenvolvemos pelas estrelas e astros de filmes, novelas e propagandas que exibem corpos moldurados pela exigência de uma sociedade que quer um tipo de modulação corporal, mas que não encontramos esses corpos perfeitos na esquina de casa ou em qualquer outra esquina, a não ser nas telas e revistas.

Estamos, então, a todo instante, sendo capturados por uma sociedade da esquizofrenia individual e coletiva, pois os nossos sonhos e os nossos desejos, de certa forma, passam antes pelos mecanismos de controle, e, então, a partir daí, vamos decidir aquilo que queremos buscar para a nossa construção. Aí percebemos que somos agenciados a todo instante pela lógica do capital que nos faz consumir, ou seja, como mostrava Foucault na entrevista “Prisões e Revoltas nas Prisões”, no capitalismo, desde o início do século XIX, os indivíduos eram enquadrados em um certo número de instituições:

seja a um aparelho de produção, uma máquina, um ofício, um ateliê, uma usina, seja a um aparelho escolar, seja a um aparelho punitivo, corretivo ou sanitário. Eles eram fixados a esse aparelho, coagidos a obedecer a um certo número de regras de existência que enquadravam toda a vida deles<sup>x</sup>.

---

Foucault fala isso por que aí neste período, em pleno desenvolvimento da sociedade disciplinar, tudo isso fazia parte de uma “grande forma social do poder” de introduzir multas em locais de trabalho, influenciar na conduta física ou moral nas escolas ou asilos, bem como na punição em prisões. Tudo isso tinha por objetivo naquela sociedade industrial, que o homem transformasse seu corpo, seu comportamento e sua existência para um bom uso no aparelho de produção, considerando aí, que esses aparelhos capturavam os indivíduos, principalmente pela miséria da população que pairava naquele momento. Tudo isso influenciava na formação do sujeito na sociedade disciplinar, ao contrário desse período e pensando na atualidade, Foucault mostra que hoje:

As pessoas não são mais enquadradas pela miséria, mas pelo consumo. Tal como no século XIX, mesmo se é sob um outro modelo, elas continuam capturadas em um sistema de crédito que as obriga (se compraram uma casa, móveis...) a trabalhar todo o santo dia, a fazer hora extra, a permanecer ligadas. A televisão oferece suas imagens como objetos de consumo e impede as pessoas de fazer o que se temia tanto, já no século XIX, ou seja, ir aos bistrôs onde se faziam reuniões políticas, onde os reagrupamentos parciais, locais e regionais da classe operária corriam o risco de produzir um movimento político, talvez a possibilidade de derrubar todo esse sistema<sup>x</sup>.

Portanto, se temia, no século XIX, uma ideia de um possível avanço das classes operárias em busca de uma possível liberdade deste modelo, e que, certamente iria influenciar na própria formação – talvez mais autônoma – das classes pobres. Hoje, no entanto, percebe-se que cada vez mais a população está sendo atrelada a este modelo que dita suas estratégias em escala global. Se os meios midiáticos de comunicação, de informação e de propagandas nos arrastam para este tipo de formação de novas subjetividades, é por que os fluxos econômicos dependem desta formação para que o modelo sobreviva vendendo produtos e objetos – mesmo que sejam supérfluos – para uma grande massa consumidora. Podemos entender isso a partir daquilo que Orlandi fala sobre o “sucateamento da humanidade”, nas palavras dele:

---

Nunca se viveu tão sistemático, cotidiano e envolvente sucateamento da humanidade. Falo em sucateamento, no singular, mas ele é uma multiplicidade onde velhos e novos sucateamentos são intensificados. Com o auxílio da tradição que se apóia em textos de Marx, gostaria de salientar aqui tão apenas o aspecto do sucateamento da humanidade que se apresenta como subproduto da estratégia de produção (ou de sobreprodução, como diria Deleuze), cada vez mais dominante em nosso planeta. Essa estratégia modula a produção social da existência (na qual os homens estão necessariamente imersos, pois não produzem diretamente sua própria existência<sup>x</sup>).

Portanto, somos levados a nos produzir a partir de algo que nos atinge, ou seja, pelas imagens e informações que recebemos, que estão ligadas ao meio produtivo e que nos influenciam a partir da propaganda que espera obter lucro a partir das compras e das vendas. No entanto, não é somente, ou exclusivamente, a venda que interessa ao capitalismo atual. Mais precisamente, o que interessa é a renda gerada pelas ações que uma marca pode alcançar nas bolsas. Conforme mostra Orlandi na leitura de Delfim Neto, “‘o comércio mundial’, diz ele, ‘cresceu 13 vezes, enquanto as transações financeiras de todas as naturezas cresceram 74 vezes. (...) essa libertinagem financeira deixa o comércio de mercadorias girando tão apenas ‘em torno de 2,5%’ de si própria”<sup>x</sup>. Desta maneira, o capitalismo toma novas proporções com essa inovação, uma vez que com o fim daquele homem confinado, ele produz, através do trabalho do *marketing*, um homem endividado como afirma Deleuze.

Isso se dá porque as linhas de controle devem atingir cada vez mais um número maior da população, não só no interior de um país, mas para além de suas fronteiras. Pois como afirma Luiz Orlandi, automaticamente, quando estou fazendo alguma coisa:

ao fazer isso ou aquilo, seja produzindo, seja consumindo, seja trocando, seja pedindo dinheiro emprestado ou simplesmente vivendo, estou ajudando a fazer de mim mesmo, em última instância, um dos pontos de aplicação dos mecanismos de reiteração dos pressupostos do capitalismo. Esse apanhado sintético tem sua razão de ser, pois o labirinto captura até

---

mesmo o meu não fazer, ou melhor, a impotência da totalidade dos meus afazeres. Um exemplo drástico a esse respeito é a dependência em que se encontram, não apenas os meus eus, mas também Estados e conjuntos inteiros de Estados em relação à liberdade com que o capital financeiro se movimenta pelo planeta. Seria ele a serpente ou o próprio sangue dela?<sup>x</sup>.

Considerando essas estratégias da “serpente” financeira, nota-se, como falamos acima, que os novos instrumentos adotados pela sociedade de controle fazem com que a captação de pequenos empréstimos, linhas de créditos, conta universitária sem comprovação de renda, enfim, os usos do cartão magnético vêm sendo popularizado para atingir cada vez mais as camadas empobrecidas da população, ou entre assalariados ou com rendas inferiores ao salário mínimo e até mesmo quem não tem salário; entre aposentados e pensionistas, etc., os quais até pouco tempo atrás não eram aceitos pelos bancos e empresas para matrículas e cadastramento.

Hoje, o processo inverteu-se. Os indivíduos é que são convidados e assediados através do *marketing*, para a abertura de contas em bancos. Isso acontece porque eles passam pelas estatísticas e pela contabilidade dos bancos e das empresas, que têm interesse em distribuir senhas magnetizadas destinadas ao endividamento, e aí os bancos tornam-se uma estrutura de agenciamento concreto que empresta algo abstrato com altas taxas de juros e acaba capturando bilhões para esta dança da serpente. Finalmente, vale lembrar que as formas de endividamento dos países subdesenvolvidos – nos quais devemos incluir todos ou quase todos os países latino americano – passam pelas mesmas estatísticas e pela contabilidade dos bancos e dos fundos internacionais, que tornam essa dança da serpente uma coreografia planetária, pois são inesgotáveis as impossibilidades de pagamentos de dívidas. Neste caso, como falamos acima, o próprio Deleuze afirma, que o “homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado”<sup>x</sup>.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. (1972 – 1990). Trad. de Peter Pál P. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

---

\_\_\_\_\_; Parnet, Claire. **Diálogos**. Trad. de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder – saber**. Trad. de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. (Ditos e escritos; IV).

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

NEGRI, Antonio e HARDT, Michel. **Império**. Trad. Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2001.

RAGO, Margareth, ORLANDI, Luiz B. Lacerda e VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: DpeA editora, 2002.

RAGO, Margareth e VEIGA-NETO, Alfredo, (Org.), **Figuras de Foucault**, Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2008.

ROLNIK, Suely. “Toxicômacos de identidade: subjetividade em tempo de globalização”. In: LINS, Daniel (org.). *Cultura e subjetividade: saberes nômades*. Campinas: Papirus, 1997.

### **Fronteiras literárias: as línguas ibéricas e o portunhol**

Fábio Aristimunho Vargas

Doutorando UFPR